



A COR DO SOFRIMENTO

O CHEIRO DA MORTE

UM CONTO ESCRITO POR
JUVENÁLIA DA COSTA

Copyright © 2022 Juvenália Da Costa Todos os
direitos reservados.

Capa: Juvenália da Costa

Correio eletrónico

Juvenaldacosta@outlook.com

E-mail: Juvenaldacosta@outlook.com

Contacto comercial: 924 432 671

Instagram: @juvenalia_escritora

Facebook: Juvenalia Da Costa

Capturado

Acorrentado

Maltratado

Liberdade?

Por que não lutaste?

Tomaram suas terras

*Por covardia não
procuraste um atalho*

Onde pudesses escapar

Não tinhas sonhos?

Negro!

De pele escura

Por que não lutaste?

*Se da tua gente
pudeste ver o
sofrimento*

*Sentir o cheiro da morte
ao acordar e ao dormir,
não era um tormento?*

*Tentaste sobreviver
para ser vendido*

Como um animal

Por que não lutaste?

*Por que não livraste teu
filho da escravidão?*

*Escolheste o suicídio a
sofreguidão*

Juvenália Da Costa

CONTO

O cheiro da morte.

Norte de Angola
Cabinda, 24 de Abril de 1610
Região do Tchizo

DEDICATÓRIA

“Dedico este conto, a toda raça negra.”

– Nzuzi? Foge filho! – Gritava Adolfo temendo que o filho chegasse mais perto.

– Foge, corre, corre filho.

Nzuzi continuava parado enquanto a população toda da aldeia se dispersava pelos campos para fugir das mãos dos senhores.

Adolfo tinha sido apanhado enquanto dormia e arrastado para fora da cubata como um cão pelas golas da camisola, enquanto a mulher e a filha, foram assassinadas a sangue frio nas mãos dos invasores. Quando tentou pronunciar mais uma vez o nome do filho com dificuldade, um dos senhores virou-se para Nzuzi.

– Trás o rapaz aqui. – Falou um dos homens que parecia comandar o batalhão.

Nzuzi continuava parado, estático, com os olhos fixos no pai que tinha os olhos cobertos de lágrimas de sangue pelos chicotes dos homens.

– Rapaz? – O homem tocou no rapaz e afastou-se imediatamente.

– Você está gelado como um morto. – O homem agarrou em um pau que tinha ali perto e bateu com força no menino para confirmar se estava vivo ou morto.

Nzuzi virou-se para o homem com o olhar repleto de ódio e sem pronunciar uma única palavra, agarrou no homem pelo braço que segurava o pau e lhe partiu sem dó nem piedade.

– Ai... – O homem gritou tão alto que se podia ouvir no mais profundo dos pântanos.

O homem que aparentava ser o responsável pelo ataque a comunidade, tirou a arma de fogo do casaco e disparou para o braço direito do rapaz.

Nzuzi caiu imediatamente ao chão.

– Tragam o rapaz aqui.

Três dos homens foram pegar em Nzuzi arrastando-o até ao patrão. O homem aproximou-se do rapaz dando voltas e analisando o seu porte físico.

– Quantos anos tens?

Nzuzi não respondeu.

– Deixem-no em paz! – Podem fazer comigo o que quiserem, mas deixem o meu filho em paz! – Implorava Adolfo com muita dificuldade.

Os homens começaram a bater no rapaz com mais força.

– Responde seu negro maldito! – Davam chutes e chicotes no rapaz com mais força.

Nzuzi não respondia.

– Ele não fala? – Perguntou o senhor para Adolfo.

– Tem nove anos! O que vocês querem? É apenas uma criança. Deixem-no ir.

– Nove anos? – É muito valente para a sua idade.

O senhor abaixou-se para Nzuzi e lhe segurou pelo queixo e disse-lhe:

– Vamos ver se esse negro tem língua para falar ou não. – Tentou apertar o maxilar do rapaz para lhe abrir a boca, mas Nzuzi lhe cuspiu no rosto.

– Porra! Filho da puta desse negro. – O homem espancou o rosto de Nzuzi com a cabeça da arma em golpes severamente fortes.

Nzuzi não mais protestou. Estendido ao chão e sem forças, os homens levantaram-no para que visse o pai a ser assassinado por eles.

Aumentaram a intensidade dos chicotes que davam em Adolfo.

– Não! – Gritou Nzuzi tentando se desvencilhar de três homens que o seguravam.

Os olhos de Adolfo estavam a perder a força lentamente. Sabia que já não tinha muito que fazer, tinha chegado o seu fim.

– Luta... Luta Nzuzi ...

– Pai? Não! – Nzuzi gritou.

– Usa a cabeça e nunca se esqueça: Você é um “Woio”! “Nzambi Mpungu” (Pai todo poderoso) vai te mostrar o caminho. – Adolfo pronunciou as últimas palavras e fechou os olhos paulatinamente. A respiração parou e a boca abriu-se instantaneamente movendo o pescoço sem vida para o outro lado e caiu.

– Queimem-no. Queimem tudo e vamos embora desse mato!

Como se não bastasse ver a vida do pai a desvanecer lentamente diante dos seus olhos, os homens obrigaram Nzuzi ver seu pai ser queimado e com ele a cabana em que a mãe e a irmã estavam.

Naquela noite Nzuzi tinha ido fazer mais um dos seus passeios pela floresta. Ia sempre de encontro

ao som que lhe chamava junto ao rio e quando lá chegava, sentia uma paz que mais nenhum outro lugar lhe dava. Infelizmente quando voltou viu sua aldeia ser queimada pelas mãos dos inimigos de pele branca. Viu-se arrastado pelos homens até a uma fileira longa, onde estavam homens, mulheres e crianças brutalmente postos como selvagens, acorrentados nos pés e nas mãos.

– Onde nos levam?

– Cala a boca seu negro maldito. Você ainda me paga por esse braço partido! – Os homens acorrentaram Nzuzi com outros presos e o empurraram de forma violenta para seguir a fileira armada.

Choros e gritos de socorro ecoavam por todo mato e se podia sentir o cheiro da morte em todas as faixas de terreno que percorriam pelas vias de Tchizo. Fora queimada então pelas mãos inimigas de forma violenta e o povo transportado em trem de pessoas

como animais selvagens ou lixo, acorrentados uns nos outros.

Arrancados da própria terra e levados para um lugar que desconheciam por intermináveis dois dias, sem água e sem comida. Algumas crianças morriam pelo caminho e os senhores jogavam os corpos para fora como se fossem mercadorias descartáveis.

Nzuzi não compreendia o que de errado tinham feito para merecer tal sofrimento. Olhava em volta e via seus conterrâneos enfermos, com frio e presos como animais. Movido por um sentimento desconhecido de revolta, olhou em direção a um grupo de homens que cochichavam entre dentes no interior na fileira a sua direita e disse-lhes:

– Temos que lutar!

Os homens olharam para o rapaz espantados com a sua atitude.

– Temos que lutar pela nossa gente! Vamos. Lutar...e – Quando ia terminar a frase, um homem lhe tapou a boca.

– Xiu! – Cala essa boca menino! Eles podem ouvir-te. – O homem falou baixo no ouvido do rapaz.

– Como te chamas?

– Nzuzi.

– Teu pai?

– Está a dormir.

– Xé rapaz! – Falou o homem assustado. – Como assim? Onde está a tua família?

– Estão a dormir, já disse. Os corpos ficaram lá em Tchizo, mas eles estão aqui. – Apontou o dedo para a cabeça.

Alguns negros acreditavam que, após a morte, a alma não abandonava definitivamente a terra, mas ficava rodando entre os vivos.

- Esse miúdo não está a bater bem da cabeça!
- O homem afastou-se imediatamente do rapaz.

No fundo escuro da fileira, uma velha senhora falou em um tom sombrio:

- Filho das águas de Bakisi... salvador da terra. Por quê tanto sofrimento?

Nzuzi reconheceu imediatamente aquela voz, mas não lhe podia ver o rosto, na verdade, nunca poderia. Por muito que fechasse os olhos procurando pelas vozes que lhe acompanhavam todos os dias, apenas lhes podia ver as máscaras.

- Quem é essa senhora que me chama de filho de Bakisi? - Levantou para ir até a senhora, mas as correntes atadas no pé o impediram de continuar.

- Que senhora? Não ouvimos nada. Olha, o rapaz vai morrer. Não fala coisa com coisa. Agora está a ouvir vozes? - Falou outro homem.

Nzuzi continuou a chamar pela mulher em voz alta.

– Cala a boca, vamos morrer por tua causa seu maluco! – O homem tentou acalmar Nzuzi com uma palmada nas costas.

– Eu não sou maluco! Vocês não percebem que eles vão nos levar para longe? É HORA DE LUTAR! – Nzuzi gritou tão alto que os mercadores puderam ouvir.

Por segundos ouviu-se o barulho de armas e os negros depositaram um olhar de culpa em cima de Nzuzi.

– Filho da puta! Maldito Nzuzi.

Um batalhão de homens brancos rodeou as fileiras ouvindo-se barulho de armas a serem carregadas e apontadas a todos.

– Quantos são?

– Não sei. Perdemos muitos pelo caminho.

– Foi fácil intercetá-los?

– Foi. O comerciante não nos traiu. Correu como havíamos programado. Infelizmente perdemos muitos homens.

– Isso significa perder dinheiro, Ramiro. Claramente será descontado na tua comissão.

– Claro que não. Você sabe que essas coisas acontecem em qualquer transação. Contemos os negros que servirão para o trabalho e o resto pode se pagar pela metade.

– É justo. Preciso que despachem isso. Quero-os dentro do meu navio antes do entardecer. Partiremos essa noite.

O comerciante olhou para o navio do comprador atentamente e disse-lhe:

– Fonseca?

– O que queres mais?

– O teu navio está lotado de negros. Como vais levar essa mercadoria?

– Não é teu problema, Ramiro. Onde cabem duzentas mil cabeças, cabem mais duzentas mil! – Disse-lhe Fonseca, comandante do navio, despreocupado com o comentário.

Antes do entardecer, Fonseca mandou marcar com ferro quente a letra “F” em todos os negros que comprou.

Marcar os corpos com ferro quente era comum, pois a marca significava não somente exclusividade como grande referência para os grandes compradores. Portugueses, Holandeses, Britânicos e Brasileiros estabeleceram postos de comércio no norte de Angola, no território de Cabinda. O comércio crescia tanto que os grandes compradores estavam dispostos a pagar cerca de 12% a mais por um negro marcado.

À noite, Nzuzi foi acorrentado e conduzido para de baixo do convés com todos os outros presos de diferentes clãs para uma zona minúscula, onde já

havia milhares de negros encostados uns nos outros, e corpos espalhados pelo lugar estreito. Os mercadores separavam as meninas dos rapazes e conseqüentemente o lugar era escuro, quente e fedorento. Ao entrar experimentou uma saudação fedorenta pelo nariz que quase o fez vomitar. Ouviase choros por todos os cantos, tanto que era quase impossível sobreviver ali por um único dia.

O povo estava cansado, maltratado, com sede e muita fome. As condições eram tão deploráveis que era difícil se mover, sentar ou dormir.

– Olá. Você pode nos dizer para onde esses brancos nos levam? – Perguntou a um velho encostado a parede que os observava.

– Olá. – O homem falou em uma língua que outro não percebeu.

– Tudo bem, já entendi. Você não fala Quicongo. Alguém aqui fala Quicongo?

– Fomos comprados por Don Afonso. Ele comanda os carregamentos do Brasil e pelo que ouvimos aqui, partiremos para Recife, Brasil. – Massivi era um escravo experiente. Tinha o entendimento mais claro sobre toda movimentação de cargas por que os brancos permitiam. Os guardas deixavam escapar informações propositadamente por que era importante que negros mais experientes estivessem ali para transmitir mensagens de conforto para os novos. Evitando com que se perdesse mais escravos, porque uma vida perdida significava baixo lucro.

– Nzambi! – O homem passou a mão na cabeça admirado.

– Vocês vêm de onde? – Sou Massivi, filho de Malongo.

– Viemos de Tchizo. Chamo-me Kizu.

– Tchizo?

– Sim.

– Como se deixaram ser capturados?

– Acho que fomos traídos por Mafuca.

– Quem é Mafuca?

– O responsável pelas transações comerciais. Ele ia na aldeia fazer barulho, mas os sobas não lhe davam ouvidos. Só pode ser ele. Nunca tínhamos sido surpreendidos assim.

– Pode ser. Hoje em dia já não se pode confiar em um negro igual. Trouxeram mulheres?

– Sim. As nossas meninas foram levadas para o outro lado do navio.

– Lamento muito. – Massivi baixou a cabeça para esconder a expressão de tristeza.

– Por quê? O que acontece com elas?

– A maioria não é acorrentada como nós. Eles abusam sexualmente das nossas mulheres e crianças, e o pior é que ouvimos seus gritos daqui sem poder fazer nada.

– Temos que fazer alguma coisa para escapar.

– Como? Você acha que não tentamos? Um grupo que esteve aqui antes de vocês tentou escapar uma vez, mas foram todos capturados de volta por causa da maldita rede suicida que há debaixo das águas. Não sei como é que aguentamos tanto sofrimento, as vezes penso que seria melhor desistir.

– Como? Não desista irmão Massivi, aguenta! Nzambi vai nos libertar.

Massivi sorriu ironicamente.

– Nzambi está a ver o nosso sofrimento. Como é que vai nos libertar se nem sequer existimos para ele?

– Tenha fé, irmão...e...

A porta foi aberta pelos guardas que traziam comida e bebida para os cativos. A comida era uma farinha com arroz servida em uma tigela que mal cabia em uma das mãos.

Os negros receberam a comida sem grande hesitação, porque estavam famintos. Mas Nzuzi se recusou a receber a comida, chamando a atenção dos guardas que ficaram furiosos.

– Não vais comer?

– Eu não como esse lixo. – Nzuzi desafiou o guarda. Estava desidratado, com o rosto pálido, a boca seca e o nariz entupido de ranho, mas mesmo assim não cedeu.

– Vem. Vais comer o verdadeiro lixo que produz a tua raça – O guarda destrancou as correntes dos pés de Nzuzi e o arrastou para fora do sítio.

Levou o rapaz para uma área coberta por fezes, sangue e corpos retalhados e o atirou para o chão.

– Essa será a tua alimentação de agora em diante!

Amarrou os braços e os pés de Nzuzi com uma corda pesada, fazendo com que a boca ficasse presa as fezes e todos as porcarias que lá estavam.

– Agora come isso. – Começou por arrastar o rosto do rapaz pelo chão exigindo que abrisse a boca.

Nzuzi estava a ser violentamente espancado e chicoteado por dois dos guardas.

Aquela demonstração de força dos guardas era sempre utilizada para mostrar aos cativos que a resistência não era tolerada.

Depois de terminado o acto bárbaro contra o menino, deixaram-no deitado ao sol por algumas horas. Quando lhe foram apanhar tinha o corpo gelado, parecendo estar morto.

– Vai buscar aquela negra que cuida das doenças. – Falou o guarda para o outro.

O guarda lentamente foi mexendo o corpo do rapaz para confirmar se estava vivo ou morto.

Afastou-se quando ouviu um murmúrio. Estranhou por que não viu os lábios do menino mexer.

– Nzambi! O que ele tem? – A velha senhora chegou admirada pelo estado encontrado do pobre rapaz.

– Não sabemos. Por isso lhe chamamos. Resolve esse problema logo!

A velha senhora ajoelhou-se para medir a pulsação do rapaz e lhe ver o rosto.

– Tem vida. Precisa de cuidados urgentes!

– Do que precisas?

– Água para o banho e um pouco de comida. Ele tem o estômago vazio.

– Não quis comer. É rebelde. Mereceu a lição que recebeu!

– Pobre rapaz. – A velha senhora falou baixinho evitando com que fosse punida por opinar.

– Despacha logo isso. – Ordenou o guarda.

A velha senhora chamou duas meninas que lhe ajudavam com o trabalho para transportarem o rapaz até os seus aposentos curandeiros.

Banharam o rapaz e lhe puseram vestes novas. Deu muito trabalho porque era um rapaz forte, que mesmo desidratado aparentava ter uns catorze anos no entendimento delas.

Passados cinco dias o rapaz abriu os olhos. Olhou em volta e vislumbrou uma rapariga negra, de cabelos enrolados, a aparência dela não podia ver porque tinha o rosto no sentido contrário, mas uma luz muito forte se podia ver em volta da rapariga. Quando tentou fazer o movimento para alcançar a luz a rapariga andou depressa ao seu encontro.

– Você acordou finalmente. Onde pensa que vais? Calma.

– Onde estou?

– Preso em um navio com milhares de escravos. Não te lembras?

– Não. Bem, sim. Mas eu já não estava aqui.
Estava em outro lugar.

– Outro lugar? O que fazias nesse lugar?

– Brincava com os animais. Mergulhava nos pântanos sem cansar. Meus pais, bem, meus... –
Parou de repente.

– O que foi?

– Nada. – Nzuzi fechou-se em silêncio.

A velha senhora entrou no quarto e quando viu Nzuzi acordado pousou a mão no peito aliviada.

– Lu, deixa-nos a sós.

Sentou-se junto ao rapaz e lhe perguntou sem rodeios.

– Como te chamas?

– Nzuzi.

– De onde vens?

– Venho de Tchizo. Por quê?

– O que aconteceu com a tua família?

– Não entendo o quer saber com tantas perguntas.

A velha senhora continuava ali, a espera de respostas. Para ela, Nzuzi era um mistério. Por mais que tentasse usar dos poderes que possuía para lher o passado ou mesmo o presente, aparecia uma máscara branca que cobria tudo que pudesse ligar o rapaz de alguma tradição espiritual.

– Lembras-te dos guardas que te torturaram?

– Sim.

– Estão mortos!

– Por quê?

– Só você pode me dizer. Foram atormentados por pesadelos e sem mais nem menos, suicidaram-se de igual modo.

– Não sei.

– Sabes ao menos o significado do teu nome?

– Sim. Kumbu e eu, nascemos no mesmo dia. Meu pai disse-nos que éramos como um casal de animais selvagens. Sempre fui o mais explosivo e minha irmã mais mansa e cautelosa.

– Agora entendo! – A senhora olhou para o menino admirada. Levantou-se e começou a caminhar pelo espaço, procurando as melhores palavras para proferir tamanha descoberta.

– Os gêmeos de Tchizo são tidos por filhos do Nkisi-Nsi. São Bana Babakisi - filhos do Nkisi. Nzuzi é dado ao menino que representa um animal felino, grande gato selvagem. Tua irmã é como uma pantera, ou algo assim. É possível que você não saiba de muita coisa, afinal é um menino ainda.

– Quem é Nkisi-Nsi? Meu pai é Adolfo e minha mãe, Catarina. Não conheço outros pais.

– Calma. Você precisa aprender sobre a história. As respostas estão na tua cabeça. Por isso é que eu não consigo ler as tuas mãos. Você é filho de Bakisi, sereias que são espíritos. Pelo que tudo indica

– você pertence a uma organização secreta chamada de Bakama. Por isso os guardas afirmaram que viram homens mascarados.

– Quando fecho os olhos vejo muita gente que ficou pelo caminho. Danço e canto com pessoas que têm o rosto coberto por diferentes tipos de máscaras. Por mais que eu tente lhes tirar a máscara, não consigo.

– *Bakama* provém da Lusunzi; é uma sereia que habitava no Tchizo dentro de um bosque chamado ibundo-li-mpu é que orientou Chimpanzo Chimuámina, na era, terceira personalidade do Tchizo, para fabricar máscaras. Fazer parte de uma organização secreta como a das *Bakama* exige do membro a obtenção de qualidades específicas que se identificam com a genuinidade de pertença não só com o grupo, mas também a capacidade de poder assimilar normas e leis que dele emanam. Não sei como é que um rapaz como tu já possui tais qualidades.

Por muito que a velha senhora explicasse sobre a origem dos Bakama e filiação de Nzuzi com as ditas sereias, ele não conseguia assimilar tais informações. Talvez por que não era chegada a altura ou por alguma cegueira espiritual propositada.

Nzuzi ficou a receber cuidados da velha senhora e da rapariga de nome, Lu por mais um dia. “Lu” Aquele nome era como luz para Nzuzi. Pensou por momentos antes de ser arrancado pelos guardas novamente para o porão.

Desejou morrer quando chegou novamente naquele lugar, pois tinha o mesmo cheiro de fezes e de morte. O ar era impróprio para respirar.

Os homens lhe receberam com alegria. Pensavam que estivesse morto. Depois da sua volta, os homens aconselharam Nzuzi a cumprir com as regras impostas pela tripulação. Ele obedeceu e realmente teve dias mais calmos depois de pôr em prática todos os conselhos.

Semanas já tinham passado dentro do navio, pelo que ouviram dos guardas faltavam poucos dias para chegarem no destino. Os negros seriam revendidos em grandes senhores para trabalharem nas fazendas, construção, minas e muitos outros sectores que precisavam da mão de obra no Brasil. Ninguém sabia que senhor lhe calharia a sorte.

Nzuzi presenciava todo o movimento para a tão aguardada chegada. Os homens negros ansiavam a chegada por que depositavam esperanças que seria a única forma de escapar da escravidão. Mas ele não partilhava do mesmo pensamento, pois tinha sensações estranhas quanto aquela chegada. Ver pessoas a morrer todos os dias devido a impossibilidade de respirar que provocava a diarreia crónica com sangue e má alimentação, faziam crescer nele o espírito de revolta. E as palavras do pai martelavam a sua cabeça. “Luta, nunca pares de lutar”.

Alguns escravos morriam de doenças como a gripe, Sarampo, malária e outras mais. E outros

tentavam se envenenar ou suicidar-se devido ao sofrimento.

Preciso fazer alguma coisa. “Pensou”

Foi a partir daí que lhe ocorreu invocar Lusunzi.

Naquele momento, já tinha uma visão a respeito delas, que envolvia mistérios, crenças e seu poder relacionado com as entidades mitológicas dos bakisi ba si (sereias da terra).

Para ter uma comunicação mais próxima com ela, precisava estar perto do mar, por isso arquitetou um plano. Provocou o próprio desmaio para ser levado nos aposentos da velha curandeira e teve sucesso.

Quando contou sobre o plano para a velha curandeira, ela não concordou de imediato, mas teve a grande ideia de vestir Nzuzi como uma mulher. Conseguiu sair disfarçado pelos guardas e encontrar um lugar para que pudesse chamar por ela, a sereia da terra.

Nzuzi então concentrou-se e repetiu as palavras que a curandeira o orientou:

– Mãe das águas, sereia da terra, ouve o teu filho. Meu corpo não pertence a esse lugar. Deusa da chuva, salva o teu povo. Teu filho chora para ver sua mãe!

Naquele instante o mar tornou-se mais agitado, raios de luz rasgavam os céus e um vento forte fazia o barco mover-se.

A tripulação percebeu que era Nzuzi por que o capuche lhe tinha escapado da cabeça e já falava mais alto, com uma voz grossa de um homem grande, vibrante e de uma aura sobrenatural.

Ventos espíritas atravessaram pelo navio inteiro, destrancando as correntes de todos negros, abrindo portas e travando as armas dos brancos.

– Estou livre? – Ouviam-se gritos emocionantes de libertação e admiração.

Nzuzi continuava evocando pelas deusas, incrédulo, feliz e se sentindo poderoso.

– Que merda é essa? – Gritavam os homens brancos.

- Socorro! Socorro!
- Não consigo ver nada.
- Negros feiticeiros!

Ouviam-se gritos de socorro por parte dos brancos da tripulação.

– Vou te matar seu negro maldito. – Gritava um dos guardas apontando a arma em uma direcção desconhecida, porque não podia ver nada. Tentou disparar a arma, mas a mesma encravou. A própria mão que carregava a arma, virou-se para ele de forma estranha e disparou na própria cabeça.

Outros brancos giravam pelo barco tendo a visão deturpada. Sendo atormentados por fenómenos sobrenaturais, atiravam-se para o mar.

- Aaah...
- Socorro...

Os negros atacaram os homens brancos e prenderam-lhes nas próprias correntes.

– Agora vocês vão sentir na pele, toda a dor e sofrimento que nos fizeram passar! – Gritavam e cuspiam neles.

– Nzuzi? – Chamava a velha senhora.

Nzuzi já não podia ouvir vozes da terra.

A velha curadeira aproximou-se para lhe pegar pelos braços, mas um vulto a arremessou de forma violenta para outro lado do navio.

– Nzuzi? Foge... corre...

Nzuzi caiu no mar.

Os homens saltaram para o mar para salvar Nzuzi, mas ninguém viu sinal do seu corpo. Nzuzi desaparecera pelo mar.

FIM

– Precisamos encontrá-lo. Nzuzi nos salvou, não podemos desistir.

– Precisamos chegar até a costa. Já estamos nisso a mais de uma semana. Estamos a ficar sem comida. – Respondeu Massivi para a velha senhora.

– Temos que procurar mais uma vez.

– Os homens estão cansados de nadar e não encontrar nada. A essa hora o rapaz deve estar a brincar com as sereias. Não é filho dela? – Massivi falou num tom de gozo.

– Não brinca com isso. Você não pode falar assim de uma...

A velha senhora foi interrompida por um vento forte. Uma espiral ventosa se formou em volta de Massivi e por segundos desapareceu diante dos seus olhos.

POSFÁCIO

O passado da nossa gente é assustador. Quando decidi escrever esse conto, pensei que seria fácil. Propus-me a fazer em dois dias apenas. Comecei a escrever na segunda-feira, dia vinte e três de Maio de dois mil e vinte dois, para entregar na quarta-feira, vinte e cinco de Maio do corrente ano. A ideia inicial era pesquisar dados sobre a escravidão. Mas quanto mais pesquisava, mais envolvida ficava. Descobri relatos assombrosos sobre a violência naquela época.

Ninguém gosta de ler histórias tristes, mas é preciso que se conte para não repetirmos toda dor e sofrimento que os nossos antepassados sofreram. É preciso conhecer o passado, nossa história, para construirmos um futuro melhor. As pessoas naquela época eram extremamente cruéis por permitir, tolerar e colaborar com tanto sofrimento e humilhação diante dos olhos.

NOTA INFORMATIVA

ORIGEM

Tchizo é um território montanhoso localizado próximo da cidade de Cabinda, considerado também como o centro do poder tradicional dos Cabindas, para onde inclusive as famílias recorrem para resolver problemas de ordem da tradição, até mesmo nas situações em que ocorrem as violações de normas e regras relacionadas com os ritos de iniciação feminina o Tchicumbi²¹, também conhecido como ritual da casa de tinta.

Inicialmente o nome da aldeia do Tchizo era “Lutchinzo”, que significa respeito. Essa aldeia era sede e residência do antigo Rei Mua Tchizo Kongo. Durante o seu reinado, a população quando quisesse resolver problemas em que se achava que era necessário a intervenção do Rei, recorriam a ele para esse efeito. Nesse contexto, notou-se que quando a população tivesse necessidade de ir à aldeia Lutchinzo ter com o Rei ou resolver qualquer outra necessidade,

dizia que ia ao Tchizo, que era o nome do Rei. Assim a população passou a usar mais o nome de Tchizo ao invés de Lutchinzo por causa do Rei Mua Tchizo Kongo que lá morava.

AS MÁSCARAS

A origem do costume das máscaras, não é absolutamente clara para todos os casos, mas pode-se distinguir com facilidade algumas formas típicas de uso. As máscaras são usadas para enganar os espíritos quanto à identidade daquele que as usa. O espírito da doença que pretende atacar a pessoa não a reconhece quando ela está de máscara, e esta serve como proteção. Em outros casos a máscara representa um espírito personificado pelo mascarado, que, dessa forma, afugenta outros espíritos hostis. Outras máscaras, ainda, são comemorativas. O mascarado encarna uma pessoa morta cuja memória deve ser lembrada.

Referência

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação, Em Educação - Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Autor: Miguel Raul Mazissa Zinga

Tema: Formas de apresentação da cultura tradicional de Cabinda em processos educacionais das Bakama.

Documentário

Canal do Youtube, “Segredos da humanidade”

Matéria: Como era a viagem dos escravos da África em um navio negreiro.